Saúde: de Ruanda ao Rio

08075

28 OUT 1994

FERNANDO OLINTO HENRIQUES FERNANDES

Em poucos dias no Rio de Janeiro assisti a velhas cenas de um mesmo filme.

Ao desembarcar, retornando da guerra civil de Ruanda, assisti literalmente a um tiroteio na bela Praia de Ipanema; perfeita cena de um sangrento seriado policial. As mesmas cenas da eterna crise na área da saúde e o jogo de acusações que se repetem todos os anos. Os salários de fantasia pagos aos médicos que ainda se dedicam ao serviço público nas emergências dos hospitais. O sucateamento da rede pública de saúde. O massacre de traficantes nos morros e a velha estratégia da polícia para manter ordem nos guetos. Fraude nas eleições e a máfia da política que se mantém no poder perpetuando a incompetência. A miséria que permite comer ratos...

Pequenos e velhos problemas que continuam e se alimentam no círculo vicioso da corrupção, incompetência, roubalheira, desperdício...

A área de saúde vive cronicamente nas manchetes dos jornais, muitas vezes em noticiários sensacionalistas e mal-informados, mas não é absolutamente uma tragédia. Tragédia foi Ruanda, foi Bósnia. Entre escândalos e distorções, descaso e cotidianos atentados à dignidade humana, os hospitais não refletem o esforço de muitos médicos, nomes honrados e confiáveis, que se dedicam e constroem a saúde pública no Rio de Janeiro.

A rede hospitalar mastodôntica do Rio, a maior do país e concentrada em poucas áreas da cidade, consome enormes recursos sem a eficiência de estruturas mais simples e hospitais comunitários. Uma doença crônica herdada das administrações megalomaniacas.

A crise do Hospital Souza

Aguiar, do município, não é a mesma crise do também municipal Hospital Miguel Couto? Ou da crise do Hospital Getúlio Vargas, do estado? E a mesma do Hospital da Posse, federal?

Realizar uma auditoria na rede pública de saúde não deve ser a simplicidade de analisar repasse de verbas, estoque, superlotação ou número de pacientes. É preciso colocar o dedo na ferida. É preciso avaliar a necessidade de cada unidade hospitalar, sua função, vocação e seu destino. Será que todas as unidades são necessárias? Os grandes e complexos hospitais devem partir para o atendimento especializado, enquanto as pequenas unidades precisam ser plenamente

Os grandes e complexos hospitais devem partir para o atendimento especializado

reativadas. O antigo Projeto Especial de Saúde da Baixada Fluminense (Pesb) é estratégico na solução da crise hospitalar. Saúde é prevenção, hospital é doença.

É preciso ter coragem para transferir recursos humanos e financeiros para os hospitais da periferia e da Baixada Fluminense, com controle e fiscalização. Só no Centro da cidade do Rio de Janeiro existem 13 hospitais públicos e milhares de servidores. Todos são necessários? Dezenas de médicos foram trans-

feridos justamente das áreas onde eram mais necessários, a periferia, para unidades no Centro e na Zona Sul. Onde estão os médicos que trabalhavam no Hospital da Posse, em Nova Iguaçu?

Sem uma política digna e justa de salários para os profissionais de saúde nada será resolvido. É a velha história do "fingem que me pagam e eu finjo que trabalho". Mas também sem uma política de saúde para a Baixada Fluminense todos os relatórios, CPIs, auditorias, inquéritos acabarão esquecidos nas gavetas burocráticas.

Falta vontade política. Falta cidadania. Falta cooperação.

Este círculo vicioso não vai ser quebrado sem uma solução dos salários e ao mesmo tempo do atendimento primário e dos prontos-socorros na periferia. A perda de recursos humanos em virtude dos salários humilhantes é muito grave. Não é simples substituir médicos experientes. O estado não pode fazer tudo e a discussão deve definir claramente o que é possível e que possa atender a toda a população com dignidade. Tecnologia e sofisticados exames são para poucas unidades especializadas.

As responsabilidades não são somente das autoridades do estado ou do município, mas de todos os médicos e de suas instituições. A medicina deve ultrapassar o discurso da ética e englobar uma posição humanitária.

A dura realidade da crise dos hospitais precisa de um diagnóstico correto e uma terapêutica corajosa, caso contrário continuaremos vendo vidas maltratadas pela negligência e pelo cinismo. É preciso ter coragem para colocar o dedo na ferida.

Velhas cenas de um mesmo filme que atormenta a população com impressionante frequência.

Fernando Olinto Henriques Fernandes é cirurgião, pertence à Organização Internacional de Médicos Sem Fronteiras e trabalhou na Misão Kigali, em Ruanda.